**A COSMOVISÃO (CRISTÃ) EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR FAZ DIFERENÇA?**

**José Paulo Fernandes Júnior**

josepaulo.fernandes@mackenzie.br

**Francisco Solano Portela Neto**

solano@mackenzie.br

**João Clemente de Souza Neto**

jclemente@uol.com.br

**Resumo**

A educação brasileira foi historicamente firmada com base em uma cosmovisão cristã, introduzida por segmentos católicos e protestantes. No âmbito legal a escola confessional foi amparada pela Constituição Federativa do Brasil de 1988 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 20, garantindo o direito às instituições de ensino não público a ministrarem o ensino em todas as áreas com bases em uma orientação religiosa, ou cosmovisão, específica. Nesse contexto, este artigo visa destacar como essa cosmovisão cristã, ou confessionalidade cristã, tem sido relacionada com o processo educacional. Objetiva também levar a uma reflexão sobre a amplitude de uma cosmovisão e seus pressupostos, ainda que complexa em seus detalhes, na gestão e conceitos administrativos de uma instituição confessional. Procura igualmente responder à questão do que uma instituição pode almejar ser, em termos de expressão de sua confessionalidade, integrando esta à sua identidade institucional. O sistema educacional na educação superior frequentemente apresenta seus projetos pedagógicos fragmentados, inspirados no modelo de divisão do saber representado pela disciplina. A estrutura organizacional é formada por coordenações isoladas que pouco se comunicam entre si, e docentes que frequentemente não trocam suas experiências e vivências. Nos anos de 1980 foram escritos diversos estudos sobre o “pensamento e conhecimento do professor”. Sob este rótulo, de “pensamento do professor”, os estudos tratavam à compreensão de processos, tais como percepção, reflexão, teorias pessoais, resolução de problemas, tomada de decisões, relações entre conceitos diferentes e construção de significados. Estes estudos evidenciaram que os pensamentos, crenças e as teorias pessoais dos professores eram fatores importantes na configuração de suas práticas de sala de aula e em suas decisões curriculares. (MIZUKAMI, 2004). Esses princípios norteiam a formação do educador e dos educandos e estendem-se a todas as relações humanas, para expandir a compreensão do mundo (SOUZA NETO, 2010). A interdisciplinaridade passa a ser uma necessidade e pode ser concebida como uma resposta complexa a uma interrogação que remete ao real-concreto. (FAURE, 1992). Os pilares epistemológicos contidos nas ciências modernas são capazes de atender a complexidade da realidade (MORIN, 2001). Considerar a qualidade e poder dessa influência, aponta para o entendimento de que as instituições confessionais devem rever ou reafirmar suas identidades e propósitos na sociedade contemporânea. Em adição, precisam repensar as epistemologias, posturas, conteúdos ministrados e como será o resultado das ações resultantes dessa reflexão em sua gestão administrativa e excelência acadêmica.

**Palavras chaves:** Cosmovisão, Educação, Interdisciplinaridade, Complexidade.

**ABSTRACT**

Education in Brazil was historically based, in its inception, upon a historical Christian worldview, instituted by catholic and protestant segments. It has legal grounds to exist under the protection of the 1988 Federal Constitution and by the Law of Directives and Basis of National Education (LDB, article 20). These, attribute the right to private schools (non-public) to carry on their teaching program on all areas, following a specific religious orientation. Under this context, this paper seeks to demonstrate how this Christian worldview, or *confessional* approach, intertwines with the educational process. It targets, also, to lead into a reflection about the wide influence of a worldview and its presuppositions, albeit the complexity of its details, in management and administrative concepts of a confessional (or faith-based) institution. Likewise, it seeks to give answers on the matter of what can an institution aim to be insofar as having an identity as an expression of its confessional nature. The educational system in higher education frequently presents fragmented educational projects (course syllabus), inspired by the model that divides the disciplines. The organizational structure is built around isolated course coordinators that have little communication among themselves, and a faculty that often do not share their experiences and perceptions. In the 1980’s several studies about the “thought and knowledge of the teacher” were written. Under this theme, of the “thought of the teacher”, the studies dealt with the understanding of processes, such as perception, reflection, personal theories, resolution of problems, decision making, relationship among different concepts, and construction of meaning. These studies provided evidence that the thoughts, beliefs and personal theories of the teachers were important factors guiding their classroom practices and their decisions about the curriculum (MIZUKAMI, 2004). These principles direct the formation of educators and students, and will be extended to all human relations to expand their comprehension of the world (SOUZA NETO, 2010). Interdisciplinarity becomes a necessity and can be conceived as a complex response to a question that addresses the matter of concrete reality (FAURE, 1992). The epistemological pillars held by modern science are able to cater to the complexity of current reality (MORIN, 2001). To consider the quality and power of this influence, points us to the understanding that the *confessional* (faith-based) institutions must review or reaffirm their identities and purposes in contemporary society. In addition, they need to rethink their epistemology, attitude, content taught, and how the actions that will result will reflect in their administrative management and in their academic excellence.

### Keywords: Worldview, Education, Interdisciplinarity, Complexity.

**I - Panorama da Cosmovisão na Educação Brasileira**

A cosmovisão na Educação Brasileira tem origens basicamente cristãs, instituídas por segmentos católicos e protestantes, muito embora existam outros grupos educacionais minoritários ligados a outras ligas religiosas como islâmicos, budistas e judeus.

A Educação Escolar Cristã tem como proposta central a educação integral do ser e considera Deus o centro unificador da formação do indivíduo em três áreas interdependentes: a constituição do saber teórico, a lapidação do saber crítico e o desenvolvimento dos saberes técnicos. O desafio da educação escolar cristã é recuperar os conceitos de verdade, realidade e possibilidade de conhecimento, cuja base é a teorreferência (ter a visão de mundo referenciada na pessoa de Deus) do cosmos e do ser. (MOURA, 2017)

Podemos classificar a história da educação confessional, no Brasil, em três momentos; o primeiro quando nos tornamos colônia de Portugal (1500), em decorrência do descobrimento, o segundo foi marcado pela expulsão dos Jesuítas (1759), por ordem de Marquês de Pombal e o terceiro quando da chegada da família real de Portugal (1806).

Em decorrência da Reforma Protestante, a Igreja Católica Romana fez um grande esforço no sentido de reafirmar e definir com maior precisão sua identidade institucional e dogmática. A partir do século XVI, surgiu um catolicismo conhecido como ultramontano (forte defensor da autoridade papal), tridentino (apegado aos dogmas levantados e à ortodoxia do Concílio de Trento). Esta vertente assumiu um caráter marcadamente antiprostestante. A educação foi uma ferramenta valiosa na defesa dos interesses da igreja católica, tendo sido amplamente utilizada pela organização católica mais influente nesse processo – a Sociedade de Jesus. Em muitos lugares da Europa os jesuítas – por sua ação e suas escolas – detiveram a expansão protestante e reconquistaram para a Igreja regiões que haviam sido alcançadas pelo novo movimento. (MATOS, 2017)

Em virtude da assinatura do tratado de livre comércio entre Portugal e Inglaterra em 1810, muitos imigrantes ingleses fixaram domicílio no Brasil e estes eram essencialmente protestantes. O próprio império tinha interesse na migração, como forma de desenvolvimento do país. Para Hack (2000) o interesse do Imperador levou o Brasil a ver o imigrante não como um intruso e invasor, mas como alguém que poderia contribuir para o desenvolvimento nacional. O governo brasileiro atraiu os imigrantes europeus e norte-americanos, oferecendo-lhes diversas vantagens em dinheiro e espécie. Também os acolhia e lhes oferecia garantias de liberdade religiosa com o direito de professarem as formas de cultos que lhes conviessem sem, contudo, terem as casas de reunião qualquer aparência de templo, pois o chamado “culto público” era proibido.

Segundo Marcondes e Seehaber (2004), em meados do Séc. XIX, com a intensificação das imigrações, o protestantismo surge como um viés sociológico e educacional que não pode ser ignorado. Os primeiros imigrantes alemães instalam-se inicialmente no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, a partir de 1824, trazendo consigo os princípios defendidos por Martinho Lutero, que advogara *uma escola em cada paróquia*. Criam as primeiras escolas evangélicas para propiciar alfabetização geral, no intuito de que seus filhos pudessem exercer adequadamente a fé e tivessem acesso às Escrituras Sagradas, a Bíblia. De acordo com a sua cultura, o analfabetismo era empecilho ao aprendizado da sua doutrina. Também neste período, missionários norte-americanos instalaram-se no Oeste paulista fundando escolas para os filhos dos imigrantes protestantes. Outras denominações evangélicas (metodista, presbiteriana, batista) também chegaram ao Brasil neste período, instalando-se em outros Estados com o intuito de desenvolver a evangelização criando igrejas e escolas para atender as necessidades locais. Digno de nota é a chegada do missionário presbiteriano Ashbel Green Simonton, em 1859, que teve um curto período de trabalho no Brasil (faleceu de febre amarela aos 34 anos em 1867), mas deixou um plano de evangelização para o Brasil que incluía a fundação de Escolas Protestantes.

Com o advento da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, de 1891, a educação deixou de ser oficialmente católica e passa a ser de caráter laico. A partir desse episódio surgem dois segmentos na educação brasileira, o público, que apesar de estar sob a tutela do Estado ainda não possuía estrutura desenvolvida para ministrar uma educação consistente, por não ter uma política educacional sustentável (TANURI, 2000); e o particular, exclusivamente confessional, dividido em dois sistemas: o católico e o protestante (este para as denominações evangélicas: presbiterianas, metodistas, adventistas, luteranos e anglicanos, que atendiam um significativo número de imigrantes que mantinham seus filhos sob a orientação religiosa que professavam).

**II - A perspectiva da Cosmovisão na Educação**

Apesar da palavra cosmovisão não ser costumeiramente utilizada nos meios acadêmicos, o termo é muito utilizado nos meios teológicos e filosóficos. É imprescindível, portanto, que tenhamos a compreensão de que a palavra representa e qual o seu entrelaçamento com confessionalidade.

PORTELA (2012) aponta que, simplificadamente, cosmovisão é a compreensão que uma pessoa tem do mundo, do universo que a cerca, da vida. O alemão expressa esse significado com a palavra *weltanschauung*. O inglês, como *worldview*, ou com a combinação: *world and life view*. O significado, principalmente no alemão, abrange mais do que simplesmente a visão do universo físico. É nesse sentido que a devemos utilizar. A confessionalidade cristã vai colocar o entendimento do universo como criação de Deus, e todas as esferas de conhecimento, possíveis de estarem presentes na humanidade, como procedentes do Deus único e verdadeiro, Senhor do universo, comunicadas às pessoas por Cristo “...no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento (Colossenses 2.3)”.

BORGES (2008) elucida que a palavra **confessionalidade**, no Novo Testamento, apresenta o significado de “confessar abertamente”, “declarar publicamente”, “confessar com juramento”, além de ser compreendida como “professar”, indicando que aquele que professa assume um posicionamento, testifica um fato e suas consequências. Na Segunda Carta de Paulo aos Coríntios (II Cor 9:13), quando da formação da Igreja Cristã, vemos como a confissão é considerada tanto pelas palavras, quanto pelas ações, sendo a última **prova** da confissão verdadeira: “Tal serviço será para eles uma prova; e eles agradecerão a Deus pela obediência que vocês professam ao Evangelho de Cristo e pela generosidade com que vocês repartem os bens e com todos”.

A convicção teológica despertada pela Reforma do Século 16 (“Fé Reformada”) enfatizou a questão da cosmovisão cristã aplicada a todos as áreas da vida, especialmente nos escritos de João Calvino (1509–1564). Ele chegou à convicção de que a Bíblia ensinava que todas as áreas de atividades, sobre as quais não pesavam restrições legais, eram para ser desenvolvidas em relacionamento com o Deus criador, as pessoas deveriam ter uma visão cristã da vida. Essa visão incentivava o empreendedorismo, o trabalho intenso, e a mais simples das atividades era para ser desempenhada sem culpa, como um culto a Deus.

Vale notar que, atualmente, esse conceito de missão nas atividades diárias, está sendo considerado por segmentos que até pouco tempo rejeitavam qualquer coisa que tivesse o mais remoto relacionamento com o calvinismo. O que pregadores e autores, durante anos, não conseguiram, Instituições educacionais confessionais têm adotado e disseminado a ideia de uma cosmovisão cristã, até a outras instituições que não são, estritamente falando, confessionais.

Instituições educacionais vinculadas a denominações religiosas têm compreendido que é impossível se praticar a verdadeira educação das esferas de conhecimento, sua visão confessional, sem a coesão proporcionada por uma cosmovisão cristã na forma desenvolvida por João Calvino (reformada), na considera-se Deus como verdadeiramente regente do universo, e não um mero espectador, que reage às circunstâncias, procurando “consertar” as coisas.

A visão cristã de mundo (cosmovisão cristã) não é restrita a expressões religiosas ou transcendentes, mas aborda de maneira diferente diversas áreas do saber. Por exemplo, tem a ver com o estudo de governo e economia. Uma instituição confessional entende que as diversas áreas de conhecimento e as atividades humanas, para serem adequadamente compreendidas e exercitadas, não podem ser dissociadas dos valores e princípios contidos nas Escrituras Sagradas.

Segundo BORGES (2008), deve, contudo, aspirar a horizontes amplos, sem temor de colaborar abertamente com outras organizações e entidades também comprometidas com a educação ou de confrontar sua visão de mundo com os mais diversos assuntos como cidadania, ecologia, direito, saúde, economia ou quaisquer outros, pois não se deve ter medo de pensar ou receio de que os outros pensem.

WEBER (1905) já havia levantado a tese de que uma simples olhada nas estatísticas ocupacionais de qualquer país de composição religiosa mista mostrará, com notável frequência, uma situação que muitas vezes provocou discussões na imprensa e literatura católicas e nos congressos católicos, principalmente na Alemanha: o fato que os homens de negócios e donos do capital, assim como os trabalhadores mais especializados e o pessoal mais habilitado técnica e comercialmente, nas modernas empresas era predominantemente protestante, ou seja davam mais importância a essa abordagem integrada da vida, do que a compartimentalização e dissociação entre o sagrado e o secular praticado por católicos. (WEBER, 1905)

Mas falar em cosmovisão no singular ou sem qualificá-la, somente, não resolve. Cada filosofia, cada forma de ver e entender as coisas, é uma cosmovisão em si. A cosmovisão é análoga à lente intelectual através da qual as pessoas vêm a realidade. A cor da lente é um fato fortemente determinante para contribuir o que elas creem acerca do mundo. Toda cosmovisão, ou abordagem confessional, procura explicar como os fatos da realidade se relacionam e se ajustam uns aos outros. Além disso, a cosmovisão se preocupa com as consequências lógicas associadas a viver de acordo com as convicções sustentadas como verdadeiras. (GEISLER,2003). Consequentemente, uma Instituição de Ensino (básico ou superior), que se identifique como confessionalmente cristã, procurará abordar a realidade da vida a partir de pressupostos cristãos. Ao fazer isso está simplesmente sendo coerente com sua Identidade Institucional.

Há a tese de VIEIRA (2009), que determina que é na sala de aula o espaço de maior visibilidade de identidade da escola. Os eventos e os documentos são importantes e dão o direcionamento da cultura escolar, mas é na sala de aula, na prática e atuação do professor que essa cultura será traduzida, interpretada e criticada para e com os alunos. É o professor que está diariamente com os alunos que dará visibilidade à confissão e contribuirá para a constituição identitária da instituição. Por sua vez, o professor terá que lidar com as atribuições da escola na sua própria constituição identitária. Como estará esse processo? Os professores têm noção de seu papel enquanto concretizadores da confessionalidade da escola que integram?

A grande questão é: o que a Instituição de Ensino quer ser em termos de confessionalidade? Exatamente, que tipo de instituição confessional quer ser? Não podemos assumir que todas as instituições confessionais entendam essa relação da mesma maneira. É possível olhando para diferentes alternativas e é só respondendo essa primeira pergunta que se pode trabalhar a questão de como é possível chegar lá, na identidade que queremos ter.

**III - Gestão acadêmica e conceitos administrativos de Instituições Confessionais**

Nas instituições de ensino a ênfase é tão intensa nas questões acadêmicas, que as ideias e práticas de gestão são vistas como secundárias, com ceticismo, senão com desaprovação. Infelizmente, gestão em educação ainda é um conceito que estimula uma reação negativa em muitos acadêmicos (LORANGE, 2000).

Em adição o sistema educacional universitário tem seus projetos pedagógicos fragmentados, inspirados no modelo de divisão do saber representado pela disciplina. A estrutura organizacional é formada por coordenações isoladas que não se comunicam umas com as outras, e os docentes não trocam suas experiências e vivências.

Segundo COWBURN (2005) a experiência apresenta que, apesar das boas intenções, a tomada de decisão, formulação e desdobramento das estratégias não possui a aderência na execução quando feita de cima para baixo; isso pode ser parcialmente ilustrado na seguinte afirmação “ um plano universitário deve combinar as aspirações dos departamentos acadêmicos com uma proposta global da instituição”.

A construção interdisciplinar reclama o envolvimento de educadores na busca de soluções para os problemas relacionados ao ensino e à pesquisa. O objetivo da interdisciplinaridade é promover a superação da visão parcelar de mundo e facilitar a compreensão da complexidade da realidade, desse modo, resgatar a centralidade do homem, compreendendo-o como ser determinante e determinado (LÜCK, 2001).

 Nesse contexto a interdisciplinaridade é caracterizada como um processo que abrange a integração e o comprometimento dos docentes e gestores acadêmicos, acarretando a efetiva interação das disciplinas do currículo entre si e com a relação teoria e prática.

Segundo COHEN & MARCH (1974): Professores decidem, se, quando e o que será ensinado. Os estudantes decidem se, quando, e o que irão aprender. Nenhuma coordenação (exceto quando mutuamente acordado) pode ser praticada. Os recursos são alocados em um processo que emerge sem uma explicita referência ou processo coordenado. As decisões tomadas são consequência das discussões Universitárias, sem um processo decisório centralizado.

A interdisciplinaridade ou transdisciplinaridade, na instituição confessional cristã é de fundamental importância. Não só para obter a respeitabilidade acadêmica por parte das coordenações ou centros, uma vez que esses conceitos estão atualmente em voga, mas especialmente porque identifica uma fonte única do conhecimento. Também reconhece que os objetivos das disciplinas não são em primeira instância objetos temáticos, mas essencialmente perspectivas de viver e conhecer a realidade existencial, humana e social. É necessário que existam disciplinas que tratem destes assuntos tematicamente, mas é crucial que ocorra uma integração com outras disciplinas que devem trabalhar com posturas epistemológicas relacionadas, como catalizador desta visão, a instituição confessional evangélica, ou protestante, entende que o conhecimento é uno, pois procede de Deus. O Homem não é o centro, mas o objeto das ações de Deus. As pessoas regem-se por princípios e valores universais, que emanam de Deus.

A experiência educacional da escola confessional é obviamente mais ampla que o desenvolvimento do assunto no currículo formal e ensinado pelos professores na sala de aula. Os aspectos curriculares informais devem estar em harmonia com os propósitos da instituição e integrados com a filosofia ensinada, assim como o currículo formal. (KNIGTH, 2001).

A partir dos anos de 1980 iniciaram-se estudos sobre o “pensamento do professor” e também sobre o “conhecimento do professor”. Estão englobados sob o rótulo de “pensamento do professor” estudos que se voltam à compreensão de processos tais como percepção, reflexão, teorias pessoais, resolução de problemas, tomada de decisões, relações entre conceitos, construção de significados etc. Embora caracterizados por diversidade teórico-metodológica, evidenciaram que os pensamentos, as crenças e as teorias pessoais dos professores eram importantes na configuração de suas práticas de sala de aula e em suas decisões curriculares. (MIZUKAMI, 2004)

A educação não confessional, sofre o impacto da perda da esperança de uma resposta unificada para o conhecimento e a vida. Isto porque, conforme (VEITH, 1990), onde a educação clássica buscava o verdadeiro, o belo e o bom, o pós-modernismo acadêmico busca o que funciona. A temática concerne aos resultados práticos do processo educacional; trata-se do tipo de homem que se pretende formar, ante a proposta de varrer para longe os valores tradicionais e dar início a um novo repertório de valores acionais ou biológicos. É a busca do tipo de consciência ditada pela associação entre autonomia moral e relativismo conceitual (LEWIS, 2005).

O impacto da questão epistemológica na instituição de ensino, cuja matéria prima de trabalho é o próprio conhecimento, que passou a ser tratado como uma construção individualista, a partir da interação do sujeito do conhecimento com a sociedade e com os elementos de realidade que o cercam.

VEITH (2006), aponta que, nós testemunhamos essa paralisia do conhecimento no que todos admitem ser uma crise na educação contemporânea. Se a verdade é relativa, ainda é possível ser um educador sob tais suposições. O que acontece é que a abordagem à instrução é radicalmente alterada [...]. Embora tenha começado uma reação contra alguns dos experimentos educacionais do último século, as universidades ainda reclamam da preparação medíocre dos seus alunos. Muitos deles não têm nenhum conhecimento sobre o qual construir mais conhecimento.

O alcance disso é o que é a grande questão, pois será preciso um modelo de relacionamento entre a confessionalidade e a vida acadêmica. Por exemplo, no segmento cristão, referimo-nos a um modelo no qual não se abra mão do amor cristão que faz com que tratemos honestamente os outros, que crie até o espaço para o contraditório, mas que, ao mesmo tempo, apresente uma defesa que seja muito consistente em termos dos princípios cristãos e de mostrar a fraqueza das alternativas não cristãs de respostas para o mundo.

Nesse contexto, o papel da educação é formar e preparar seres humanos capazes de confiar e de respeitar o outro, de saber -ser, saber-fazer, saber-aprender, saber-conviver. Esses princípios devem nortear a formação do educador e dos educandos e estender-se a todas as relações humanas, para expandir a compreensão do mundo e ajudar a responder às transformações e modificações da existência humana (SOUZA NETO).

Obviamente, isso adicionou um fator a mais à aparente simplicidade ou suposta objetividade do processo educacional, mas MORIN (1991), já nos avisa há tempos que a complexidade é a tônica no ensino, ainda que essa constatação seja um desafio ao conhecimento e não sua solução. A confessionalidade é sem dúvida um elemento de complexidade, mas é aquele que resgata a objetividade e propósito ao processo de ensino-aprendizagem.

**IV - Considerações Finais**

A confessionalidade, como axiologia, em instituições de ensino, tanto básico, como superior, é uma realidade que não pode ser ignorada no Brasil. No País existem associações que congregam escolas, faculdades e universidades que declaram explicitamente sua cosmovisão, que discutem a prática educativa como o ensino que professor cristão necessita desenvolver, preocupando-se com a formação dos docentes e, para tanto, realizam cursos e congressos. Dentre outras, estão ANEP (Associação Nacional de Escolas Presbiterianas) ACSI (Associação Internacional de Escolas Cristãs), AECEP (Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios), ANEB (Associação Nacional de Escolas Batistas), COGEAIME (Conselho Geral de Instituições Metodistas de Ensino), ABIEE (Associação Brasileira de Instituições Evangélicas de Ensino) e AEC (Associação de Escolas Católicas).

Contextualizando a educação no ensino superior, nas Universidades Confessionais (que são vinculadas às ordens religiosas, constituídas por motivação confessional ou ideológica, instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideológicas específicas), segundo o Artigo 20 da Lei de Diretrizes e Bases, de 1998, verifica-se que estas possuem características de gestão que são similares às das Universidades Privadas com fins lucrativos, uma vez que dependem do *superávit* da operação para reinvestimento nas atividades educacionais.

A ideia de uma instituição cristã como um lugar onde o pensamento cristão domina sem que haja um trabalho comparativo constante de reflexão pode ser problemática. É evidente que o compromisso religioso não faz com que filosoficamente essa perspectiva realmente seja integradora. As instituições possuem uma tradição, já têm uma realidade e no Brasil temos limitações até mesmo legais, onde a educação superior é uma concessão ou é entendida como se fosse uma concessão do Estado, então haveria dificuldades de restringir acesso a apenas uma visão, além de outros problemas relacionados a isso.

A interdisciplinaridade pode ser concebida como uma resposta complexa a uma interrogação que remete ao real-concreto. (FAURE, 1992). Pergunta-se: os pilares epistemológicos contidos nas ciências modernas são capazes de atender a complexidade da realidade atual e da possível interação das ciências ético-teológicas? (MORIN, 2001)

A ação de ensino não pode se isolar do espaço/tempo onde se realiza, pois está ligada de maneira intensa a determinações que gravitam em torno dela. Essa premissa recoloca a o aspecto profissional do professor. Ele não mais representa o tradicional transmissor de informações e conhecimentos – ação quase em extinção em função da revolução tecnológica, mas assume uma nova profissionalidade de caráter interpretativo, sendo uma ponte entre o conhecimento sistematizado, os saberes da prática social e a cultura onde acontece o ato educativo, incluindo as estruturas sociocognitivas do aluno (CUNHA, 2000). Ainda que não abrindo mão do professor como mestre e mentor, a instituição Confessional pode abrigar várias respostas, integrando ações promotoras de excelência, tanto na gestão como na abordagem acadêmica unificada.

Se tivermos nas instituições certo número de pessoas escolhidas por sua competência, sua excelência, por sua capacidade de compreender o impacto que uma visão confessional de mundo traz a riqueza que ela acrescenta, e estas pessoas puderem ter uma ação efetiva dentro da instituição e de cada departamento, simplesmente ao criar uma massa crítica de pensadores capazes de, na pior das hipóteses, vindicar o pensamento cristão como uma força unificadora e, na pior das hipóteses, ter um efeito suasório e de influência.

A cosmovisão que leva em conta a confessionalidade, como um pano de fundo dentro do qual os outros fatores são considerados, ela estabelece também uma segurança para a Instituição. A cosmovisão cristã leva à crença básica que um Deus criou o mundo e trabalha na redenção deste mundo. Todo esse contexto foi estabelecido por um Deus que assim como era benigno no ato de criação, é bom também no propósito redentivo por que a Bíblia diz que Deus está redimindo todas as coisas. Ele nos chama para sermos partícipes nesse processo, mas nós nos desencorajamos diante das estruturas, diante das conjunturas e nem deixamos que as partes positivas dessas conjunturas, e que as mudanças observáveis, sejam nossa motivação.

O foco da instituição confessional é a crença de que um mundo melhor pode ser uma realidade, que Deus está transformando as coisas e que não é em vão o nosso trabalho. O conceito de lucro, passa a ser, não apenas a margem financeira, mas a margem de vida, é o que sobra quando as coisas são restauradas dos seus propósitos. Essa atividade diz respeito também a transformação da sociedade, das conjunturas do propósito da humanidade.

No aspecto administrativo das áreas de apoio, a Instituição Confessional cristã, quando coerente com os princípios que abraça, demonstrará sempre os valores eternos que caracterizam a cultura judaico-cristã. Assim, ela se destacará pela honestidade, pela forma correta e generosa com que tratará seus colaboradores, pelo foco em servir, pela liderança-serva dos gestores maiores, pela busca incessante da eficiência e da excelência que a diferenciarão de outras instituições que visam tão somente o resultado final. Muitos desses conceitos têm sido “ressuscitados” em anos recentes, como por exemplo nos trabalhos de Robert K. Greenleaf (1904 – 1990), no artigo depois transformado em livro, *A Life Servant Leadership* (FRICK, 2004), ou em outras obras mais recentes como O Monge e o Executivo (HUNTER, 2004).

Esses trazem conceitos confessionais como grandes novidades no campo empresarial, ou até acadêmico, mas os cristãos têm entendido e praticado esses conceitos há séculos. Resta incorporá-los coerentemente em na cosmovisão de Instituições de ensino, nas quais possuem influência ou gestão plena.

Apostar na qualidade e no poder dessa influência aponta também para a diretriz de que as instituições confessionais que pretendem rever ou reafirmar as suas identidades e seus propósitos na sociedade contemporânea, precisam refletir e repensar as epistemologias, posturas e conteúdos e como será o resultado das ações resultantes dessa reflexão em sua gestão administrativa e excelência acadêmica.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORGES, Inez Augusto. **Confessionalidade e Construção Ética na Universidade. Ed. Mackenzie -** São Paulo, 2008.

COHEN, Michael; D.MARCH, James G. ***Leadership and Ambiguity: The American******College President***. 2ª Ed. Harvard Business Review, Boston, 1974.

CUNHA, Maria I. **Ensino como mediação da formação do professor universitário.**IN: MOROSINI, Maria Costa (org). Professor do Ensino Superior – identidade, docência e formação. Brasília, INEP, 2000.

 FAURE, Guy O. **A Constituição da Interdisciplinaridade.** Revista TB, Rio de Janeiro, já/mar/ 1992.

FRICK, Don M. ***A life servant leadership*.** Ed. Berrett – Koehler Publ, 2004.

GEISLER, Norman; BOCCHINO Peter. **Fundamentos Inabaláveis. São Paulo.** Editora Vida, 2003.

GOMES, D. Charles. **Desenvolvimento calcado no eixo da palestra (vídeo-cast.) sobre confessionalidade**, Setembro / 2017.

HACK, Osvaldo H. **Protestantismo e educação brasileira.** 2ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

HUNTER, James C. **O monge e o executivo – uma história sobre a essência da liderança. Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2004.**

LEWIS, C.S. **A abolição do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LORANGE, Peter. **Setting strategic direction in academic institutions: the case of business school**, Higher Education Policy, Vol.13, 2000.

LÜCK H. **Pedagogia interdisciplinary: fundamentos teórico-metodológicos.** Petrópolis: Vozes, 2001.

KNIGTH, George R., **Filosofia e Educação:** uma introdução à perspectiva Cristã – Engenheiro Coelho, Unaspress,2001.

MARCONDES, Lea Rocha Lima e; SEEHABER, Liliana C. **A identidade do ensino religioso, do rito cristão na história da educação brasileira.** Revista Educação em Movimento, Curitiba, v.3, n.9, p 17-28, set/dez 2004.

MATOS, Alderi Souza. **Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século XX,** *in* GOMES, D. Charles. PORTELA, F. Solano (org). Educação Escolar Cristã: história, conceitos e práticas pedagógicas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia Norte-americana e Educação Protestante no Brasil.** S. Bernardo, do Campo. Editeo,1994.

MIZUKAMI, M. da G. **Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L.S. Shulman,** v.29, n.2, São Carlos EDUFSCar, 2004, disponível em http://www.ufsm.br/ce/revista.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 2. Ed. São Paulo; Cortez; UNESCO, 2001.

MOURA, Roseli P. C. de Lineu. **A educação integral do ser: proposta e desafio da educação escolar cristã,** *in* GOMES, D. Charles. PORTELA, F. Solano (org). Educação Escolar Cristã: história, conceitos e práticas pedagógicas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2017.

PORTELA NETO, F. SOLANO. **O que estão ensinando aos nossos filhos**? S. José dos Campos: Editora FIEL, 2012.

SOUZA NETO, J.C. **Cadernos de Pesquisa em Fundação.** Vitória: PPGE-UFES, jul/dez.2010

TANURI, Leonor Maria. **História da Formação de Professores** –Revista Brasileira de Educação, n.14 mai/jun/jul/ago 2000.

VEITH JR., G. E. **Tempos pós-modernos**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **De todo o teu entendimento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

VIEIRA, Marili Moreira da Silva. **Tornar-se professor em uma escola confessional.** Tese de Doutorado em Educação: Psicologia da Educação – PUC São Paulo, 2009

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo** – São Paulo; Companhia das Letras, 1905